

# A pessoalização do pronome *a gente* sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste

Paulo R. S. Borges\*

---

**Resumo** – Este texto busca o diálogo entre três áreas – Teoria da Gramaticalização, Teoria da Variação e Mudança Lingüística e Teoria da Enunciação – para compreender e explicar o processo de pessoalização em torno do uso do pronome pessoal *a gente* no português brasileiro.

## 1 Introdução

Este texto faz parte de trabalho de tese de doutorado que tratou da “Gramaticalização de *a gente* no português brasileiro”, de minha autoria, e que buscou o diálogo entre três áreas de estudo para, da melhor forma possível, subsidiar as propostas por mim defendidas. As correntes lingüísticas utilizadas foram: Teoria da Gramaticalização, Teoria da Variação e Mudança Lingüística e Teoria da Enunciação. Eis, portanto, a razão de minha participação neste Colóquio, uma vez que busquei na Teoria de Benveniste subsídios para compreender e explicar, da melhor maneira possível, o processo de pessoalização em torno do uso do pronome pessoal *a gente* no português brasileiro.

---

\* Professor Adjunto do Departamento de Letras do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).  
e-mail: borges@ufpel.tche.br

## 2 O percurso histórico do pronome *a gente*

O percurso histórico da forma pronominal *a gente* (substantivo genérico – *gente* → pronome indefinido – *a gente* → pronome pessoal – *a gente*) pode ser entendido levando-se em conta dois enfoques lingüísticos: o primeiro, diz respeito à caracterização da “locução especial”, a partir do substantivo *gente*, com a devida associação do artigo *a*; o segundo, trata das modificações envolvendo aspectos semânticos que possibilitaram que a forma *a gente*, de caráter indeterminador, se integrasse plenamente no quadro dos pronomes pessoais do PB,<sup>1</sup> com uso referencial específico. Essa transformação tem sido referida como pronominalização (cf. Omena, 1986) ou gramaticalização (cf. Menon, 1996; Omena e Braga, 1996; Lopes, 1999; Zilles, 2002) de *a gente*. Quanto ao caso a ser tratado aqui, a mudança abrange apenas o aspecto semântico, diferentemente da modificação gramatical do substantivo *gente* para o pronome *a gente*. Para este trabalho, propõe-se uma escala ou grau de pessoalização para a forma *a gente*, contemplando tanto os contextos de referência genérica/não-específica, como também os contextos de referência específica.

## 3 Benveniste e o sistema pronominal pessoal

A forma *a gente* seria uma candidata à categoria de “pessoa”, devido ao componente semântico/referencial relacionado tanto às pessoas do discurso, como também à própria compreensão da natureza do pronome. Neste aspecto verifica-se que, semanticamente, há um acréscimo ao significado da própria referência à pessoa que fala, deitivamente determinada. É interessante ressaltar que os dêiticos<sup>2</sup> desempenham uma função enunciativa ao relacionar o enunciado à enunciação, uma vez que a comunicação se estabelece a partir da relação entre o falante (aquele que enuncia) e o ouvinte (a quem se dirige o enunciado). Benveniste (1988), ao falar da categoria gramatical de pessoa, examina a pessoa gramatical que se manifesta no locutor “eu” e no interlocutor “não-eu” que, reunidos na “pessoa”, estabelecem a *correlação*<sup>3</sup> de subjetividade, ao passo que a oposição entre a “pessoa” (os que participam do diálogo) e a

“não-pessoa” (os que dele não participam) estabelecem a *correlação de pessoalidade*.

Observa-se que Benveniste apresenta o sistema pronominal pessoal levando em conta dois grupos paradigmáticos: o do “eu/tu” e o do “ele”. Tem-se, assim, a especificação de “pessoa” formulada em oposição à de “não-pessoa”, com a distinção das duas primeiras pessoas (“eu” e “tu”), da terceira pessoa (“ele”). Para Monteiro (1994, p. 33), existe uma clara diferença de funcionamento entre os pronomes “eu/tu” e “ele”, uma vez que a terceira pessoa possui natureza e funções diferentes:

A terceira pessoa rompe a simetria do sistema e se refere a objetos situados fora da enunciação (a relação mediante a qual *eu* e *tu* se especificam). Por isso, Benveniste a qualifica de *não-pessoa*. Enquanto tal, ela pode combinar-se com qualquer referência objetiva, bem ao contrário de *eu* e *tu*, que são dotados de unicidade referencial.

Benveniste (1988, p. 253-255), ao tratar da *estrutura das relações de pessoa no verbo*, entende que a categoria de “pessoa” (“eu” e “tu”) está centrada em três aspectos:

- a) a *unicidade*: uma vez que o “eu” que enuncia, o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum;
- b) a *inversibilidade*: o que “eu” define como “tu” se pensa e pode inverter-se em “eu”, e “eu” se torna um “tu”. Nenhuma relação paralela é possível entre uma dessas duas pessoas e “ele”, uma vez que “ele” em si não designa especificamente nada nem ninguém;
- c) *correlação de subjetividade*: “eu” (pessoa subjetiva) é *interior* ao enunciado e *exterior* a “tu” (pessoa não-subjetiva), mas exterior de maneira que não suprime a realidade humana do diálogo. Essas duas pessoas se oporão, juntas, à forma de “não-pessoa”.

Levando-se em conta que o modo mais explícito de subjetividade consiste na efetivação da pessoa no discurso, e que o elemento central do sistema indicial é o pronome “eu”, pode-se atribuir um forte caráter dêitico a essa forma lingüística, justamente pelo eminente caráter referencial. É o que sugere Benveniste (1988, p. 280) ao afirmar que “a dêixis é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa”. Nesse sentido, os indicadores “eu” e “tu” só existem quando atualizados na instância do discurso, uma vez que fora da realidade do discurso “eu” e “tu” tornam-se não-referencias em relação ao contexto enunciativo. As relações discursivas, conforme Benveniste (1989, p. 84), são responsáveis pela referência, uma vez que “a referência é parte inte-

<sup>1</sup> A especificação “português brasileiro”, doravante PB, justifica-se para diferenciá-lo do português europeu (PE).

<sup>2</sup> Conforme Lahud (1979, p. 40), o termo dêitico vem da palavra grega (δειτικός) que significa ação de mostrar, indicar, assinalar.

<sup>3</sup> Benveniste (1988, p. 254ss.) utiliza o termo *correlação* para ressaltar que “eu” e “tu” possuem a marca de pessoa (correlacionam-se) ao passo que “ele” é privado dela.

grante da enunciação". Sempre que uma situação discursiva mudar, o referente também mudará, contudo não o significado dêitico.

É o que ressalta Lahud (1979, p. 73) ao afirmar que "o referente de um dêitico é um lugar vazio que poderá ser ocupado por todos os particulares capazes de estabelecer com o ato de fala a relação significada pelo dêitico em questão". Ou seja, os dêiticos só podem ser descritos com referência ao seu emprego pelo falante, posto que um dêitico toma sempre como referencial o ponto de origem do falante, ou de seu interlocutor em relação a ele. É esse aspecto, inclusive, que faz com que Benveniste particularize os dêiticos como *indicadores de subjetividade*.

Flores e Silva (2000, p. 40) entendem que a diferença entre a "pessoa" e a "não-pessoa" está no tipo de referência que estabelecem: "a categoria dêixis está ligada à categoria de pessoa, ou seja, ao paradigma do 'eu/tu', enquanto que os elementos não-dêiticos estão ligados ao paradigma do 'ele', ou seja, da não-pessoa". Para os autores, há dois tipos de referência que remeteriam a direções opostas: "eu/tu" – categoria de pessoa (referência dêitica), nível pragmático da linguagem; "ele" – categoria da não-pessoa (referência não-dêitica), nível sintático. Observa-se, assim, que a pessoalidade está muito mais atrelada ao valor semântico/pragmático do que à estruturação sintática.

#### 4 Graus de pessoalização da forma *a gente*

Como resultado dessas colocações sobre as noções de "pessoa", e levando-se em conta que os pronomes "eu" e "tu" são os únicos que indicam realmente a categoria de "pessoa", supõe-se que a forma ampliada *a gente* (foco desta análise) poderia assumir diferentes graus de pessoalização, justamente porque a presença do "eu" é constitutiva de *a gente*. Benveniste (1988, p. 256) destaca que aspectos associados à *unicidade* e à *subjetividade* próprias ao "eu" impediriam a possibilidade de uma simples pluralização, em que *a gente* (~*nós*) corresponderia ao plural de "eu":

Se não pode haver vários "eu" concebidos pelo próprio "eu" que fala, é porque "nós" [*a gente*]<sup>4</sup> não é uma multiplicação de objetos idênticos mas uma junção entre o "eu" e o "não-eu", seja qual for o conteúdo desse "não-eu". [...] A presença do "eu" é constitutiva do "nós" [*a gente*].

<sup>4</sup> A inserção de *a gente* deve-se à proposta apresentada aqui de aproximação semântica, para efeito de análise, entre *nós* e *a gente*.

Deve-se assinalar ainda que o processo de pluralização associado à primeira pessoa não pode ser aplicado de forma simétrica ao que ocorre com a terceira pessoa, que possui como marca a ausência do que caracteriza especificamente o "eu" e "tu", justamente por estar fora da "pessoa" estrita, isto é, fora do "eu-tu". O pronome *a gente* diz respeito a um plural que deve ser interpretado como "eu" somado a uma ou mais pessoas, no qual o ouvinte pode ou não estar incluído. *A gente* não é plural de "eu", mas apenas inclui uma referência a "eu" e é plural, já que envolve o "eu" e interlocutor ou o "eu" e outra(s) pessoa(s). O pronome *a gente*, portanto, não é uma soma de *eu + eu (+ eu...)*, e sim de *eu + tu (+ tu...)* ou de *eu + ele (s) (+ ele(s)...) ou eu + tu + ele(s) (+ ele(s))*. Em torno da forma *a gente* há a reunião de diferentes pessoas, sempre com a presença do locutor, somado ao interlocutor, ou combinado também com a "não-pessoa". É o que, no entender de Benveniste (1988, p. 258), poder-se-ia chamar de "eu-ampliado".

Entretanto, o autor enfatiza que *a gente* não seria "um 'eu' quantificado ou multiplicado". Seria, antes, "um 'eu' dilatado além da pessoa estrita". De um lado, tem-se o *a gente* associado a uma afirmação voluntariamente vaga, de um "eu" generalizante ("eu" mais toda e qualquer pessoa) e, de outro, o *a gente* associado a uma junção de "pessoas" específicas (determinadas).

Ao integrar-se ao sistema dos pronomes pessoais do PB, em competição com *nós*, a forma *a gente* passa a comportar-se como um verdadeiro pronome. Neste caso, alternadamente com a referência à primeira pessoa do plural (= *nós*), o falante passa a utilizar também a forma *a gente*. Observe-se no diálogo:

- (1) *Nós* somos herdeiros, *nós* somos quatro, né! Acontece que eles tão pedindo um valor pelo prédio e *nós* estamos na justiça para ver se *a gente* não paga tanto, porque *a gente* tá lá, *a gente* tá lutando, *ô* não queremos tomar posse de definitivo. (P 82)<sup>5</sup>

Do ponto de vista semântico, Lopes (1999, p. 170-174) subdivide a *tipologia semântica do sujeito* em três tipos de referentes: (a) *referente específico*, quando o referente é explícito ou determinado pelo falante; (b) *referente genérico*, quando o referente abrange o emissor, o receptor (*não-eu*), e outras pessoas (*não-pessoa*). O referente torna-se genérico no momento em que a entidade física deixa de ser individualmente especificada, referindo-se a toda uma classe; (c) *leitura impessoal*, quando a referência genérica atinge um

<sup>5</sup> Os exemplos são de informantes do VarX (Banco de Dados por Classe Social – Pelotas) e do BDS Pampa (Banco de Dados Sociolinguístico da Fronteira e Campanha Sul-Rio-Grandense – Jaguarão). [P = Pelotas, J = Jaguarão].

grau maior de indeterminação e a forma *a gente* pode ser facilmente substituída por construções com o clítico “-se-”.

No que diz respeito ao referente genérico, como referido anteriormente, etimologicamente o termo *gentem* (s.f.) trazia em seu significado a especificação de caráter coletivo. Nesse sentido, a forma *a gente*, ao representar um coletivo genérico e estar identificada com uma classe ou coletividade, estaria desprovida do traço [plural] de numerosidade por referir-se à classe como um todo, ou seja, “eu” e todo indivíduo pertencente à classe referida. Por outro lado, tem-se o referente genérico não-específico, identificado com a noção de numerosidade, justamente por representar qualquer membro da classe, isto é, “um” como representante da classe. Do ponto de vista semântico, a forma *a gente*, quando associada a um referente não-específico, ao referir indivíduos de uma determinada classe, abre a possibilidade de ser interpretada com sentido de “pessoa”.

Para os fins aqui propostos, e levando-se em conta o entendimento de Benveniste (1988:258) da existência de um “‘eu’ prudentemente generalizado” entende-se que, intrinsecamente à forma *a gente*, mesmo associada a um referente genérico, há o traço semântico de “pessoa” identificado nas seguintes leituras generalizantes possíveis: “eu” + ‘a classe como um todo’ ou “eu” + ‘qualquer um dos membros da classe’. Tem-se, portanto, o seguinte processo de mudança semântica inserido no conjunto de mudanças que constituem o processo de gramaticalização de *a gente*:

a) genérico → *a gente* = “eu” + todo e qualquer indivíduo que compreende o discurso (“pessoa” ou “não-pessoa”)

- (2) ... porque às vez no jornal *a gente vai lê*, nem tem nada pra lê, sobre nada, porque assim não... não tem, não acontece quase nada aqui em Jaguarão, mas olha eu prefiro a minha cidade assim porque...ah, assim é muito bom, *a gente pode saf* na rua, não ter preocupação de ser assaltada, né? (J 19)

Quanto à referência específica, Benveniste (1988, p. 257) entende que existe uma diferenciação sobre o próprio princípio da “pessoa”, ao acrescentar:

Em *nós [a gente]* inclusivo, que se opõe a *ele, eles*, é *tu* que sobressai, enquanto em *nós [a gente]* exclusivo, que se opõe a *tu, vós*, é o *eu* que é sublinhado. As duas correlações que organizam o sistema das pessoas no singular se manifestam assim na dupla expressão de *nós [a gente]*.

O plural exclusivo (“eu” + “ele(s)”) estaria mais relacionado à correlação de pessoa, pela junção de duas formas que se opõem como “pessoa” e “não-pessoa”, ao passo que o plural inclusivo (“eu” + “tu”) possibilitaria a união das pessoas através da correlação de subjetividade. Tem-se, então, a denominação de “pessoa” associada à forma pluralizada *a gente*, a partir da categoria *inclusivo/exclusivo*.

b) plural exclusivo → baixo grau de pessoalização  
(*a gente* = eu + outro(s) (não-pessoa))

- (3) ... ele uma época ele teve que...teve que saf da casa dele, que ele morava, porque quando o pai dele faleceu, negócio de inventário, vão separar e aí ele tem um filho. Aí ele saiu da casa, ele veio morar aqui. *A gente tava* namorando, *a gente veio* morar aqui; tinha o quarto dele lá no fundo, tudo direitinho...ele morava aqui ... (J 19)

c) plural inclusivo → médio grau de pessoalização  
(*a gente* = eu + tu/você (pessoa) + outro(s) (não-pessoa))

- (4) Alice Cooper – Mas que loucura é essa? Agora que estou reparando. Todo mundo colorido, maquiado, parece uma festa. Quem foi que teve essa idéia má-ravilhosa?  
Mona – Fui eu. Já que *a gente* vai mesmo ficar aqui a noite toda, achei que era melhor fazer uma festa à fantasia. De feia basta aquela cidade lá fora, não é?  
(Abreu, Caio Fernando. Pode ser que seja só o leiteiro lá fora. In. *Teatro completo*. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 25)<sup>6</sup>

c1) plural inclusivo → alto grau de pessoalização  
(*a gente* = eu + tu/você (pessoa))

- (5) E: esse lugar aí que tu disse, eu não sou de sair muito.  
I: ué, mas se tu quiser *a gente pode*, pode sair. É, não sei, sei que *a gente pode* dar uma saída assim, né? Eu conheço uns colega lá, aí a gente... mas tu não vai sair sozinha, tchê, quando arruma as guris também, se for o caso, né? tu não ficar sozinha se quiser sair com a gente também. (J 2)

<sup>6</sup> Não foram encontrados casos desse tipo em Pelotas e Jaguarão, motivo pelo qual utilizou-se exemplo de peça de teatro de autor gaúcho.

<sup>7</sup> E = entrevistador, I = informante.

Ressalta-se também que a presença do “eu” na forma plural *a gente* pode ser tão forte que, em alguns casos, esse plural pode substituir o singular. É o chamado plural de modéstia.<sup>8</sup> Benveniste (1988, p. 257-58), nesse sentido, salienta que esse tipo de emprego “atenua a afirmação muito marcada de ‘eu’ numa expressão mais ampla e difusa”. O uso de *a gente*, nesse caso, serve como uma forma de atenuar o envolvimento ou a noção de exclusividade do pronome “eu”. Para Monteiro (1994, p. 39), ao utilizar esse tipo de recurso, “o falante pretende dividir responsabilidades ou reduzir o grau de egocentrismo”. Parece ser o que ocorre no exemplo 22 a seguir:

d) singular “eu” → mais alto grau de pessoalização  
(*a gente = eu (pessoa)*)

- (6) ... fiquei muito tempo pra baixo quando o meu marido morreu. Passei quatorze anos sem sair; hoje sim, hoje saio a tudo, vou a tudo, porque **a gente já tem** um pouco de idade já, não é? já sabe que tá no fim também, né? (J 24)

A partir dessas considerações poder-se-ia caracterizar o grau de pessoalização de *a gente*, tomando-se como base o próprio contexto da enunciação, bem como o processo de gramaticalização da forma *a gente*, decorrente da mudança semântica envolvendo a categoria de “pessoa”. A Ilustração 1, abaixo, demonstra os graus possíveis para a pessoalização de *a gente*.

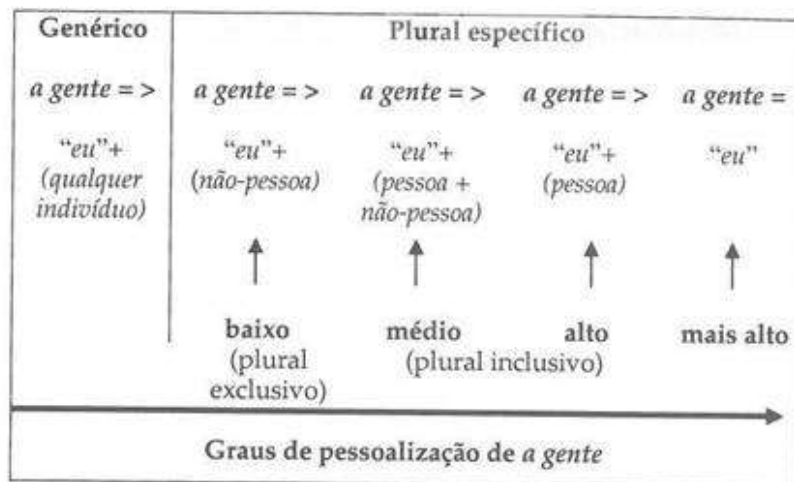


Ilustração 1 – Pessoalização de *a gente* conforme categoria de pessoa.

## 5 Considerações finais

A utilização da Teoria da Enunciação possibilitou a caracterização de “graus de pessoalização” do pronome *a gente* no PB, a partir da noção de categoria de “pessoa” desenvolvida na obra de Benveniste, bem como explicitar, de forma objetiva, a tipologia semântica associada ao tipo de referência presente na instância do discurso.

No caso específico deste trabalho, verifica-se uma relação direta entre o grau de pessoalização e o tipo de referência semântica do enunciado. À medida que aumenta a *correlação de subjetividade* mais se especifica o referente e, portanto, no caso da forma *a gente*, maior o seu grau de pessoalização.

Espera-se que este estudo, deslocado do seu contexto original (Tese de Doutorado como um todo), possa contribuir para os debates em torno da Teoria da Enunciação. Espera-se também que a utilização das idéias de Benveniste tenha sido abordada de forma clara e objetiva, dentro da perspectiva teórica desenvolvida pelo autor.

<sup>8</sup> Salienta-se a caracterização de outros tipos de plurais semelhantes ao “plural de modéstia”, encontrados em gramáticas do português, como “plural de majestade”, “plural de divisão de personalidade” ou “plural de solidariedade”.

## Referências

- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- . *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- FLORES, V. do N.; SILVA, S. Aspecto verbal: uma perspectiva enunciativa do uso da categoria no Português do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 35-67, set. 2000.
- LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.
- LOPES, C. R. dos S. *A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, UFRJ, 1999.
- MENON, O. P. da S. *A gente: um processo de gramaticalização*. *Estudos lingüísticos*, Taubaté: Unitau, XXV, Anais de seminários do GEL, p. 622-628, 1996.
- MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- OMENA, N. P. de; BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In: *Varição e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of *a gente* in Brazilian Portuguese. In: JOHNSON, D. E.; SANCHES, T. (eds.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics (Papers from NWAV 30)*, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.